

Gênero, estrutura ocupacional e diferenciais de rendimento

Cristiane Soares*

Sonia Oliveira***

Resumo – A crescente participação das mulheres no mercado de trabalho confirma uma característica cada vez mais presente nas famílias brasileiras: a condição da mulher como provedora de renda. Isto não significou uma composição por sexo mais diversificada entre as ocupações e uma igualdade de rendimentos. O objetivo deste trabalho é analisar a desigualdade de rendimento entre homens e mulheres através de um recorte por ocupações, mostrando que essa desigualdade é um fenômeno resultante tanto das características discriminatórias no mercado de trabalho, quanto da inserção das mulheres de forma excessivamente concentrada em ocupações menos qualificadas e de baixa remuneração.

Palavras-chave – Mercado de trabalho. Gênero. Rendimento e ocupação.

Códigos JEL – J16, J7, J4

Introdução

A crescente participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, a partir de 1970, confirma uma característica cada vez mais presente nas famílias brasileiras, que é a situação da mulher como provedora de renda. Esta nova característica, no entanto, não exime a mulher do seu importante papel de mãe, esposa e responsável pelo lar¹. A concentração de mulheres ocupadas no grupo etário de 30 a 39 anos de idade mostra um padrão tardio da inserção feminina no mercado de trabalho, o que nos permite inferir que o trabalho da mulher ainda está condicionado a uma articulação dos tradicionais papéis sociais com a função no mercado de trabalho.

* Professora Substituta do Departamento de Economia da UFF. E-mail: csoares@ibge.gov.br.

** IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. E-mail: smo@ibge.com.br.

No Brasil, similarmente ao verificado em outros países avançados ou em desenvolvimento, a entrada das mulheres no mercado de trabalho ocorreu principalmente no setor de serviços, em atividades de escritório (funções burocráticas) e em outros serviços², onde se destaca o serviço doméstico. As características do desenvolvimento econômico brasileiro foram elementos importantes na determinação dos espaços a serem ocupados pelas mulheres no mercado de trabalho. A expansão dos serviços públicos no processo de industrialização brasileiro foi importante para o crescimento do emprego feminino nas áreas de saúde, educação e na administração pública; e indiretamente nas atividades de comércio e dos serviços pessoais. Segundo MELO (1998), o aumento da taxa de atividade das mulheres levou a uma maior diversificação no mercado de trabalho, mas essa diversificação não significou uma desconcentração do trabalho feminino das atividades tradicionalmente exercidas por elas, predominantemente no setor de serviços e em ocupações que seriam extensões das atividades domésticas.

O objetivo deste trabalho é analisar um conjunto de indicadores sobre a situação da mulher brasileira, particularmente com respeito ao trabalho e ao rendimento. Ainda que mantendo a desagregação tradicional dos dados por sexo, este trabalho segue uma abordagem de gênero, ou seja, procura levar em conta o conjunto de circunstâncias que afetam a vida das mulheres especificamente, e que estão referenciadas aos papéis, social e culturalmente atribuídos à população feminina, relacionados ao cuidado com as tarefas domésticas e à família. Estes encargos, como ressalta a literatura, se constituem em fatores que dificultam a inserção das mulheres no mercado de trabalho e sua participação nos espaços diversos de representação social.

Para explicar a desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres no mercado de trabalho, este artigo faz uma análise por ocupações, a fim de mostrar que os diferenciais de rendimento não ocorrem somente em função do sexo, mas das características de inserção das mulheres no mercado de trabalho, isto é, concentradas em ocupações que exigem pouca qualificação e de baixa remuneração. Com o intuito de investigar as características e proporções através das quais o fenômeno vem se manifestando, e evitando repetir a tradicional classificação em setores

de atividades, optou-se por verificar, inicialmente, no conjunto de ocupações informadas na PNAD/2001, quais as que apresentavam uma incidência maior de mulheres do que de homens entre seus quadros³.

A metodologia utilizada foi selecionar, dentre as ocupações, aquelas com percentual de mulheres acima de 50%, agrupando-as numa tipologia que se aproxima de setores de atividade. Estes grupos ocupacionais foram denominados de ocupações “femininas”. Buscou-se, em seguida, qualificar as pessoas nessas ocupações por sexo e rendimento, principalmente, e por outras características, como idade, escolaridade e posição na ocupação, que permitem facilitar a análise sobre as questões levantadas no objetivo deste trabalho.

Por último, cabe ressaltar que a opção aqui tomada no sentido do recorte Sudeste/Nordeste, quando da análise da estrutura ocupacional, teve como objetivo investigar o peso da questão regional na determinação de padrões supostamente diferenciados na inserção feminina no mercado de trabalho. Estas duas regiões constituem áreas polarizadas do desenvolvimento econômico brasileiro e concentram cerca de 70% da população ocupada do país. Sendo assim, buscou-se verificar se a dinâmica do mercado de trabalho brasileiro, sob a ótica do gênero, se apresenta de forma diferenciada em função das características socioeconômicas e culturais específicas dessas regiões.

1. Homens e mulheres no mercado de trabalho em 2001

No início desta nova década, os indicadores socioeconômicos que retratam o perfil do mercado de trabalho brasileiro mantiveram as tendências que já haviam sido observadas na década passada. Em 2001, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a População Economicamente Ativa (PEA) manteve a trajetória de crescimento observada na década de 1990, e atingiu o patamar de 83,2 milhões (Tabela 1). A taxa de atividade da economia, que indica o percentual da população que efetivamente participa do mercado de trabalho, seja na condição de ocupada ou de desocupada, foi de 60,5 % (Tabela 2). A ligeira tendência de queda da taxa de atividade (a taxa registrada na PNAD/1992 foi de 61,5% e a da PNAD/1999 de 61%) (IBGE,

2001, p. 125 e 126) está associada, entre outros fatores, a um aumento PIA superior ao crescimento da PEA. Assim, a análise da composição da PEA, por vezes, revela outros elementos intervenientes na dinâmica do mercado de trabalho, que podem estar associados seja às mudanças nas características demográficas da população, seja a uma maior permanência dos jovens na escola.

Tabela 1 – População economicamente ativa – PEA – por situação do domicílio e sexo – Brasil e Grandes Regiões – 2001

Brasil e Grandes Regiões	População economicamente ativa - PEA		
	Total		
	Total	Homens	Mulheres
Brasil ⁽¹⁾	83 243 239	48 390 475	34 852 764
	Norte ⁽²⁾	4 131 547	2 479 292
1 652 255			Nordeste
22 515 527	13 300 246	9 215 281	
Sudeste	36 628 236	21 092 845	15 535 391
	Sul	13 773 201	7 855 971
5 917 230			Centro-Oeste
6 045 574	3 558 543	2 487 031	

Fonte: IBGE/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

(1) Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá. (2) Exclui a população rural.

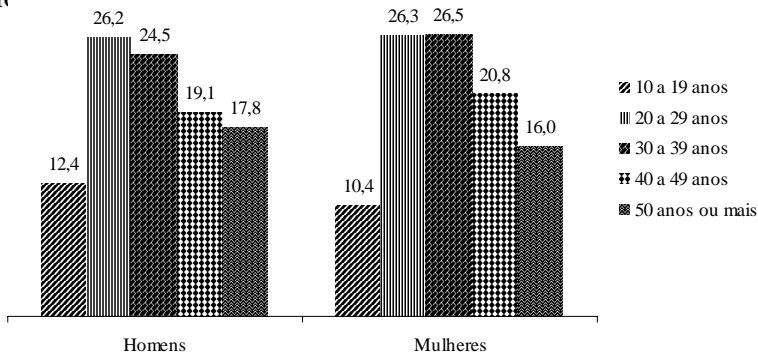
Tabela 2 – Taxa de atividade por sexo – Brasil – 1992/1999/2001

Ano	Taxa de atividade (%)		
	Total		
	Total	Homens	Mulheres
1992	61,5	76,6	47,2
1999	61,0	73,8	49,0
2001	60,5	72,8	48,9

Fonte: IBGE/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

A análise da taxa de atividade por sexo mostra que, embora a taxa masculina ainda seja consideravelmente maior que a feminina, a participação das mulheres no mercado de trabalho vem aumentando. Em 1992, a taxa feminina era de 47,2%; em 2001, esta taxa aumentou para 48,9%. Em relação aos homens, ocorre o inverso: a taxa masculina sofre uma redução de 76,6% para 72,8%, no mesmo período. Essa crescente presença da população feminina no mercado de trabalho, tanto em números proporcionais quanto absolutos, nos permite inferir sobre a importância das mulheres como provedoras de renda no âmbito da família, acumulando esta função com aquelas tradicionalmente exercidas no espaço doméstico.

Examinando-se, inicialmente, a estrutura etária da população ocupada, verifica-se que não há diferenças significativas entre homens e mulheres no que diz respeito à distribuição por faixas de idade. Contudo, pode-se observar uma concentração de mulheres um pouco superior à dos homens nas faixas de 20 a 49 anos. (Gráfico 1)



IBGE – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios

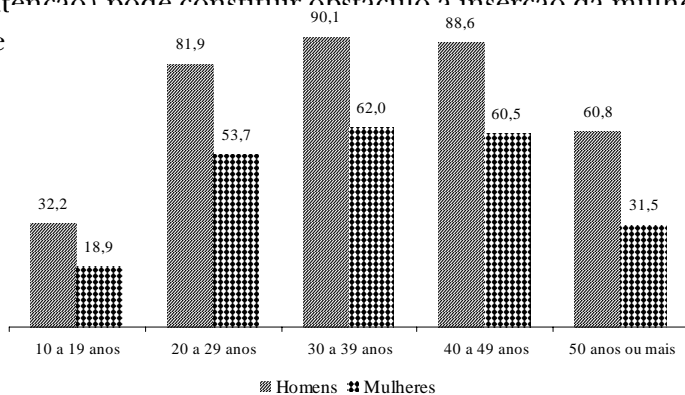
Gráfico 1 – Distribuição da população ocupada de 10 anos e mais, por sexo e grupos de idade – Brasil – 2001

Vale lembrar que é justamente por volta desta idade (ou nesta fase do ciclo de vida) que uma parcela importante das mulheres já tem os

filhos crescidos, ou seja, os filhos já são adultos ou adolescentes. Esta circunstância permite que um grupo de mulheres se libere de parte dos encargos domésticos, aqueles que por tradição permanecem reservados à população feminina, e se volte para a busca de uma colocação no mercado de trabalho. Verifica-se, de fato, nestas faixas, uma proporção maior de mulheres ocupadas em relação ao total de mulheres no mesmo grupo etário: 62% e 60,5%, respectivamente (Gráfico 2).

Analisando-se os dados da PNAD/2001 para o conjunto de mulheres com idade entre 15 e 49 anos, aliás, (e com o objetivo de verificar o percentual de mães na população feminina brasileira), pode-se constatar que a proporção de mulheres com filhos aumenta com a idade.

Entre as mulheres com 25 a 49 anos de idade, por exemplo, 82,8% têm pelo menos um filho⁴. Esse indicador é importante uma vez que a existência de filhos (e a conseqüente responsabilidade por seu cuidado e manutenção) pode constituir obstáculo à inserção da mulher no mercado de



IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Gráfico 2 - Proporção de ocupados por sexo, segundo a faixa de idade - Brasil - 2001

A educação é outro elemento visto como importante instrumento para facilitar a inserção da população no mercado de trabalho. Quando

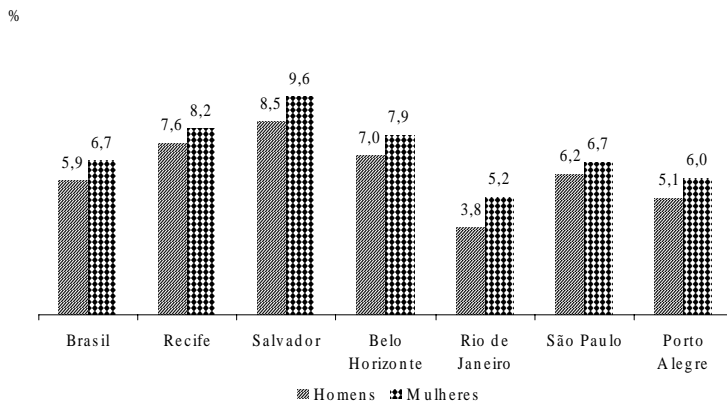
se analisa o comportamento da taxa de atividade por anos de estudo nas principais regiões metropolitanas do país, por exemplo, observa-se uma tendência de crescimento da taxa à medida que aumenta a escolaridade (Tabela 3). Assim, pode-se inferir que uma população mais escolarizada tem mais chance de conseguir um posto de trabalho. Por outro lado, uma maior escolaridade não tem sido garantia de permanência no mercado, dado que a taxa de desemprego apresenta-se mais elevada para as faixas mais instruídas da população⁵ e tem atingido principalmente mulheres e jovens no mercado de trabalho.

Inserindo-se o elemento gênero na análise, pode-se observar que a maior escolaridade das mulheres, revelada nas pesquisas domiciliares dos últimos anos, não corresponde a uma inserção mais fácil, em relação aos homens, no mercado de trabalho: nas principais regiões metropolitanas do país, em 2001, a taxa de desemprego foi mais alta entre as mulheres do que entre os homens. No Brasil metropolitano verificou-se uma taxa feminina de 6,7% contra uma taxa masculina de 5,9% (Gráfico 3).

Brasil e Regiões

Metropolitanas Tabela 3 – Taxa de atividade, por anos de estudo, segundo as Grandes Regiões Metropolitanas – Brasil – 2001

	Taxa de atividade por grupos de anos de estudo (%)				
	Sem instrução e menos de 1 ano	De 1 a 4 anos	De 5 a 8 anos	De 9 a 11 anos	De 12 anos ou mais
Brasil	52,9	52,0	57,1	73,7	82,3
RM Recife	40,1	40,1	50,9	68,8	80,0
RM Salvador	46,7	48,5	57,2	74,8	83,5
RM Belo Horizonte	37,0	50,0	58,2	75,9	83,1



RM Rio de Janeiro	40,2	40,0	52,9	66,0	78,1
RM São Paulo	43,5	43,0	54,9	74,3	84,6
RM Porto Alegre	38,0	47,0	60,1	76,9	84,0

Fonte: IBGE/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.
IBGE - Pesquisa Mensal de Emprego - 2001

Gráfico 3 - Média anual da taxa de desemprego aberto das Grandes Regiões Metropolitanas - Brasil - 2001

Ao se examinar as características da escolaridade da população ocupada, especificamente, tendo em vista as diferenciações de gênero, verifica-se que elas se revelam de forma mais visível nas áreas urbanas. No conjunto do país, as mulheres ocupadas das áreas urbanas têm, em média, um ano de estudo a mais do que os homens (Tabela 4).

Brasil e Grandes

Tabela 4 - Média de anos de estudo da população urbana de 10 anos ou mais de idade, total e ocupada, por sexo - Brasil e Grandes Regiões - 2001

	Média de anos de estudo da população urbana de 10 anos ou mais de idade por sexo					
	Total			Ocupada		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Brasil ⁽¹⁾	6,6	6,5	6,6	7,5	7,1	8,1
Norte ⁽²⁾	6,0	5,8	6,2	6,7	6,3	7,5
Nordeste	5,5	5,2	5,7	6,3	5,7	7,1
Sudeste	7,0	7,0	7,0	8,1	7,8	8,6

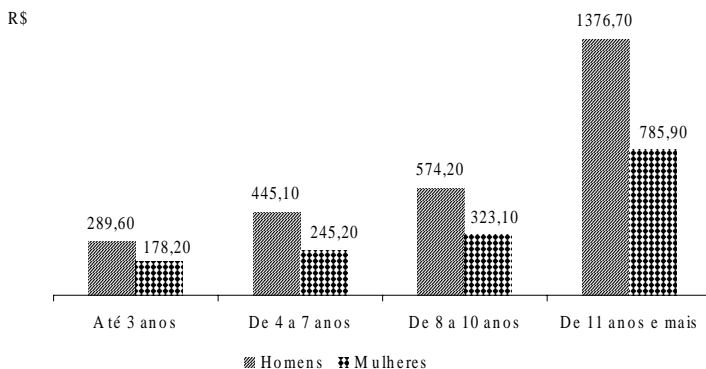
Sul	6,9	6,9	7,0	7,8	7,5	8,3
Centro-Oeste	6,5	6,4	6,7	7,4	6,9	8,1

Fonte: IBGE/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

(1) Exclui-se a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá. (2) Exclui-se a população rural.

Em algumas regiões, esta vantagem na escolaridade da população urbana feminina ocupada sobre a população masculina supera um ano: no Nordeste, ela alcança quase um ano e meio. Nas áreas rurais, embora as mulheres ocupadas também apresentem, em todas as regiões, uma média de anos de estudo superior à da população masculina ocupada, esta diferença de escolaridade não é tão significativa quanto a que ocorre nas áreas urbanas. Leve-se em conta, ademais, que as mulheres ocupadas das áreas urbanas apresentam um tempo médio de estudo superior a 8 anos, o que permite afirmar que a população feminina ocupada tem, em média, o ensino fundamental completo.

A escolaridade mais elevada da população feminina ocupada em relação à masculina, porém, não vem resultando em vantagem comparativa quando se examinam os rendimentos médios auferidos pelos dois gêneros: pode-se constatar que as mulheres ocupadas ganham, em média, menos que os homens ocupados, em todas as faixas de anos de estudo (Gráfico 4). A desigualdade de rendimentos entre os sexos se mantém, tanto nos grupos menos escolarizados quanto nos mais escolarizados: mulheres com até 3 anos de estudo ganham 61,5% do rendimento médio da população masculina com este mesmo grau de escolaridade e mulheres com 11 anos e mais de estudo ganham 57,1% do que ganham os homens desta faixa. Verifica-se, então, que a desigualdade de rendi-



mentos tende a ser maior no grupo mais instruído da população ocupada, contrariando o senso comum de que a escolaridade seria um elemento de redução da desigualdade.

IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

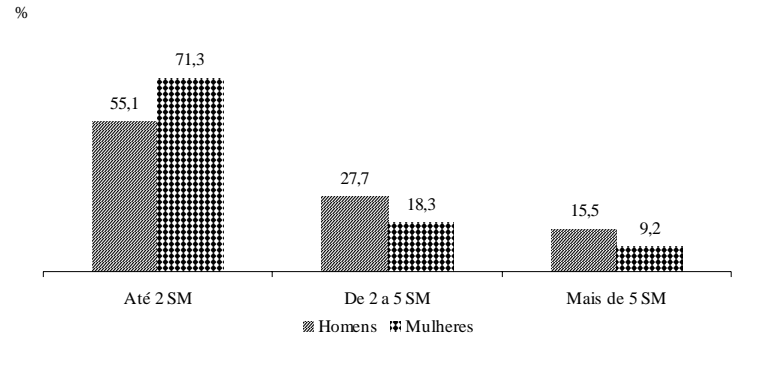
Gráfico 4 – Rendimento médio da população ocupada, em Reais, por sexo e faixa de anos de estudo – Brasil – 2001

As faixas de rendimento médio nas quais se concentra a maior parte da população feminina ocupada (71,3%) são as classes de rendimentos mais baixos, ou seja, até 2 salários mínimos (Gráfico 5). Entre os homens, a proporção de ocupados que percebe rendimento até esta faixa é de 55,1%. Por outro lado, quando se examinam, no mesmo gráfico, os rendimentos mais elevados, verifica-se que 15,5% dos homens têm rendimento acima de 5 salários mínimos, enquanto que apenas 9,2% das mulheres alcançam esta faixa de rendimento. O resultado indica que as mulheres, no seu conjunto, têm uma situação na remuneração do trabalho significativamente mais desfavorável que os homens. Este é um fenômeno que se repete em todas as regiões do país e nas principais regiões metropolitanas, ou seja, as mulheres se concentram, mais do que os homens, nas faixas de baixos rendimentos do trabalho, enquanto que os homens aparecem em proporções maiores do que as mulheres nas faixas de rendi-

mento mais elevado. Isso ocorre, principalmente, pelo fato de as mulheres se concentrarem em ocupações menos qualificadas e predominantemente no setor de serviços.

As diferenças de rendimento do trabalho entre homens e mulheres apresentadas nos diversos estudos de gênero resultam de efeitos combinados oriundos de duas situações principais: homens e mulheres recebem remunerações diferenciadas pelo mesmo trabalho e as mulheres em atividade estão concentradas em ocupações pouco qualificadas e de baixa remuneração.

Na seção seguinte, apresentamos uma classificação das ocupações onde as mulheres estão concentradas, destacando a desigualdade de rendimento entre homens e mulheres nestas ocupações. A análise se detém em comparar a inserção feminina no mercado de trabalho em duas regiões polares: Nordeste e Sudeste.



IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

Gráfico 5 – Distribuição da população ocupada, por sexo e classes de rendimento médio mensal de todos os trabalhos, em salários mínimos – Brasil – 2001

2. Ocupações “femininas” e diferenciais de rendimento: Nordeste e Sudeste

As regiões Nordeste e Sudeste concentram cerca de 60% da população ocupada; a proporção da população feminina ocupada, no entanto, não ultrapassa os 40%⁶. Em ambas as regiões, as mulheres tendem a se concentrar em ocupações específicas (em alguns casos, o contingente feminino chega a alcançar, e até a superar, a marca dos 90%), caracterizando estes postos de trabalho como ocupações tipicamente “femininas”. Vale mencionar que uma proporção importante do total da população ocupada (mais de 30%, tomando-se Nordeste e Sudeste) está alocada justamente nestas ocupações e quando comparamos a distribuição da população ocupada feminina nestas ocupações observamos que em ambas as regiões a participação feminina alcança 70% (Tabela 5).

Tabela 5 - População ocupada, total e feminina, e sua respectiva proporção em ocupações “femininas” - Nordeste e Sudeste - 2001

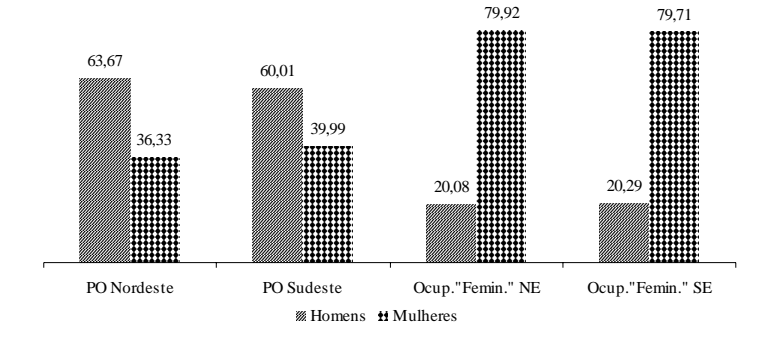
Regiões	População ocupada	População ocupada feminina	% da população ocupada em ocupações ‘femininas’	% da população ocupada feminina em ocupações ‘femininas’
Nordeste	16.258.389	5.907.004	31,8	70,0
Sudeste	29.917.054	11.962.824	34,6	69,1

Fonte: IBGE/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Antes de passar propriamente à análise das informações relativas às ditas ocupações “femininas”, cabe chamar a atenção para as diferenças de estrutura existentes, na distribuição proporcional por sexo, entre a população ocupada total e a população ocupada nestes postos de trabalho aqui nomeados como “femininos”. É justamente a elevada proporção de mulheres nestas ocupações, 80% em ambas as regiões em estudo, que fundamenta a opção aqui tomada no sentido de analisá-las mais detidamente.

As tabelas que se encontram nos Anexos 1 e 2 reúnem informações para o Nordeste e Sudeste sobre as ocupações “femininas” e permitem observações mais precisas a respeito das aproximações e distâncias regionais neste mercado específico, no que se refere às suas características estruturais e aos diferenciais de rendimento do trabalho.

Pode-se constatar, inicialmente, que, tanto no Nordeste quanto no Sudeste, as ocupações “femininas” são próprias a alguns ramos específicos: atividades extrativistas (expressivas somente no Nordeste), atividades de escritório, prestação de serviços de estética, hotelaria e alimentação, comércio, emprego doméstico, saúde, educação, vestuário e decoração e outros⁷



IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

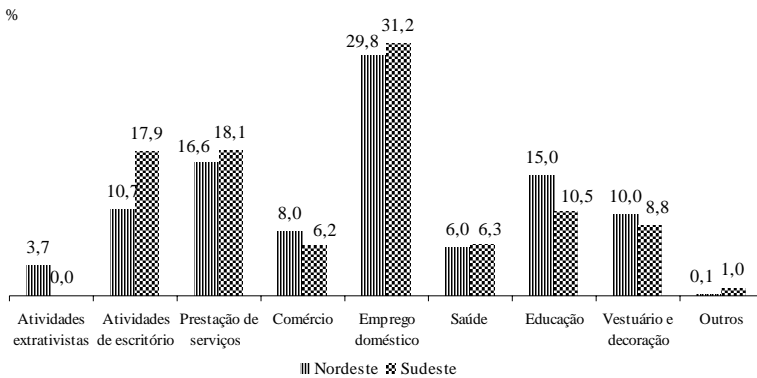
Gráfico 6 – Distribuição proporcional da população ocupada por sexo, total e em ocupações “femininas” – Nordeste e Sudeste – 2001

O emprego doméstico, no entanto, é o que concentra o maior número de mulheres, aí presentes em proporções que vão de 24,4% (das mulheres ocupadas em ocupações “femininas”) no Nordeste a 31,2% no Sudeste (Gráfico 7)⁸. Outros grupos ocupacionais importantes nessa distribuição do emprego “tipicamente feminino” são “prestação de serviços” – distribuídos em estética, hotelaria e alimentação –, “atividades de escritório” e “educação”. A proporção de mulheres em atividades de escritório no Sudeste supera em mais de 3 pontos percentuais a proporção no Nordeste. Isto se deve, em parte, à elevada concentração de empresas no Sudeste, motivo da grande importância⁹ das atividades burocráticas e administrativas nos estados desta região (tanto na indústria quanto nos serviços).

As características das pessoas nas três principais ocupações femininas – emprego doméstico, prestação de serviço e atividade de escritório – são indicativos da baixa remuneração e qualificação nestas atividades. No Sudeste, as mulheres no emprego doméstico eram cerca de 31% da ocupação feminina, onde 51% tinham idade entre 20 e 39 anos, 53% não tinham sequer o nível fundamental completo e 67% eram trabalhadores domésticos sem carteira. As atividades de prestação de serviços concentravam 18% das mulheres cujas características indicavam uma população um pouco mais velha, mais escolarizada e mais protegida no mercado de trabalho em relação aos empregados domésticos, mas em condições de trabalho ainda precárias. Cerca de 54% tinham idade entre 30 e 49 anos; 41% tinham de 4 a 7 anos de estudo e outros 16% até 3 anos de estudo; 49% eram empregados com carteira; 20% eram trabalhadores por conta-própria; e 20% empregados sem carteira. O perfil das pessoas nas atividades de escritório mostrou uma considerável participação de jovens nestas atividade (41,2% tinham idade entre 20 a 29 anos); pouco escolarizadas (56% tinham até 3 anos de estudo) e com significativa taxa de formalização no mercado de trabalho (67,4% eram empregados com carteira). Estas três ocupações no Sudeste concentram 67% do emprego feminino, cujas características de trabalho indicam trabalho precário ou com baixa escolaridade. Se somadas as atividades de comércio, cujas características se assemelham às dos demais grupos (36% tinham idade entre 20 a 29 anos, seguidos de 22% com idade de 30 a 39 anos; 33% tinham até 3 anos de estudo e outros 26% de 4 a 7 anos de estudo; e 52% eram trabalhadores por conta-própria, em grande parte ambulantes), tem-se que 73,4% das mulheres realizam trabalho pouco qualificado e de baixa remuneração.

O grupo ocupacional “atividades extrativistas”, embora só apareça no Nordeste e com um percentual pequeno, revela a predominância de mulheres nestas ocupações típicas da região, tradicionalmente desgastantes e de baixa remuneração. De acordo com a tabela do Anexo 1, as mulheres representam de 75% a 100% dos trabalhadores ocupados nestas atividades.

Em relação às ocupações agrupadas na área de saúde, que reúnem cerca de 6% das mulheres das ocupações “femininas” de ambas as regi-

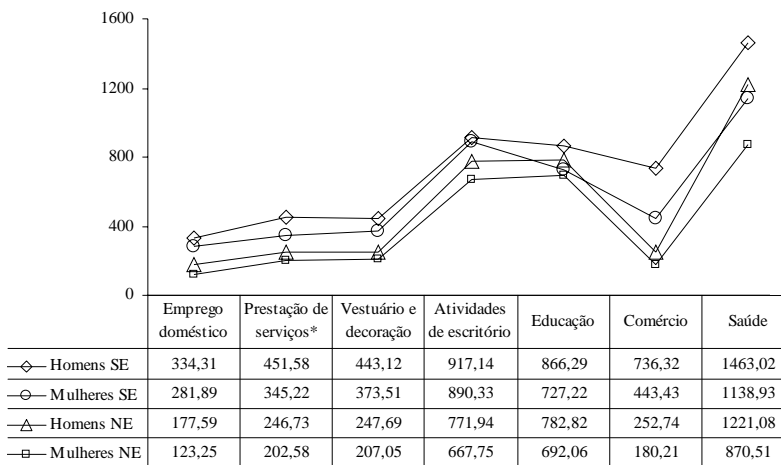


ões, observa-se que, em enfermagem, fisioterapia e instrumentação cirúrgica, as mulheres ocupam de 72% a 96% dos postos de trabalho. Acrescente-se que 55,7% dos médicos do Sudeste e 60,2% dos do Nordeste, são mulheres (veja tabelas dos Anexos 1 e 2).

IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Gráfico 7 – Distribuição proporcional das mulheres ocupadas, em ocupações “femininas”, segundo grupos ocupacionais – Nordeste e Sudeste – 2001

A análise dos rendimentos médios mensais auferidos pela população ocupada¹⁰ nas ditas ocupações “femininas”, nas regiões Nordeste e Sudeste, permite captar algumas tendências que se reproduzem em ambas as regiões, por vezes de forma diferenciada. De acordo com o Gráfico 8, que resume as informações das tabelas dos Anexos 1 e 2, pode-se constatar que os homens percebem rendimentos superiores aos das mulheres em todos os principais grupos ocupacionais “femininos”, nas duas regiões em estudo, respectivamente. De uma forma geral, os rendimentos médios do Nordeste são inferiores aos do Sudeste. A exceção corre por conta das ocupações classificadas na área de saúde, na qual, inclusive, contrariando a tendência verificada nos demais grupos ocupacionais, os homens do



Nordeste têm um rendimento médio ligeiramente superior ao das mulheres do Sudeste.

Gráfico 8 - Rendimento médio mensal da população ocupada, em ocupações "femininas", por sexo, segundo grupos ocupacionais - Nordeste e Sudeste - 2001

Em ambas as regiões, no entanto, as ocupações voltadas para o emprego doméstico são as de menor remuneração, tanto para homens como para mulheres, enquanto que, na média, são as ocupações da área de saúde as que percebem os rendimentos mais elevados. De acordo com as características de idade, escolaridade e posição na ocupação, observou-se que, das pessoas no emprego doméstico no Sudeste, 51% tinham idade entre 20 e 39 anos de idade, 53% não tinham sequer o nível fundamental completo e 67% eram trabalhadores domésticos sem carteira, o que explica, em parte, a baixa remuneração desse grupo. Por outro lado, as pessoas nas ocupações femininas de saúde eram mais velhas (cerca de 59% tinham idade entre 30 e 39 anos), quase 50% tinha pelo menos o superior incompleto, 37% eram empregados com carteira e 25% funcionários

públicos. Na área de saúde verifica-se, portanto, características que apontam para melhor qualificação e rendimento.

A desigualdade de rendimento entre homens e mulheres, porém, varia de acordo com o grupo ocupacional e com a localização regional. No Sudeste, as diferenças do rendimento médio entre homens e mulheres são maiores nas ocupações ligadas às atividades do comércio (60,2%), enquanto no Nordeste estas aparecem mais fortemente no emprego doméstico (69,4%). As menores diferenças no rendimento de homens e mulheres são observadas nas atividades de escritório no Sudeste e na área de educação no Nordeste. Porém, no Nordeste, na categoria heterogênea “outros”, as mulheres chegam a ganhar cerca de 7% a mais do que os homens. Curiosamente, as atividades de prestação de serviços, comércio e educação no Nordeste apresentam uma desigualdade de rendimento menor que no Sudeste, o que reflete no total das ocupações femininas (Tabela 6).

Quando se comparam os rendimentos médios entre ocupações femininas e masculinas¹¹, a análise ganha uma nova dimensão: o diferencial de rendimentos das mulheres em relação aos homens é maior nas ocupações femininas e no Sudeste. A expectativa seria de que neste nicho de mercado (ocupações femininas) houvesse igualdade de rendimentos entre homens e mulheres. Da mesma forma, esperava-se que o Sudeste apresentasse menor desigualdade por se tratar de região desenvolvida economicamente, fortemente influenciada por valores cosmopolitas, com vistas à eliminação de barreiras discriminatórias. No entanto, de acordo com a Tabela 7, o menor diferencial de rendimentos entre homens e mulheres ocorre nas ocupações masculinas do Nordeste, onde as mulheres ganham cerca de 90% do rendimento masculino. Em contrapartida, nas ocupações femininas do Sudeste verifica-se o maior índice de desigualdade, as mulheres ganham, em média, apenas 74% do rendimento masculino nessas ocupações.

Concluimos, então, que os homens ganham mais do que as mulheres nas duas tipologias de ocupações apresentadas e nas duas regiões estudadas. As mulheres, nas ocupações masculinas no Sudeste, percebem um rendimento menor que o dos homens no Nordeste em ocupações femi-

mulheres. Isso nos permite ressaltar que as mulheres ganham menos que os homens não somente porque estão concentradas em ocupações que exigem menor qualificação, mas que isso decorre de uma prática no mercado de trabalho brasileiro e as mulheres são alvo de uma menor desigualdade quando estão inseridas em ocupações masculinas.

Tabela 6 – Diferenciais de rendimento nas ocupações femininas, por sexo – Nordeste e Sudeste – 2001

	Homem	Mulher	Nordeste	Sudeste
Atividades de escritório	79,35	72,15	88,27	97,08
Prestação de serviços*	54,64	58,68	88,10	76,45
	Comércio	34,33	40,64	71,30
60,22	Emprego doméstico		53,12	43,72
69,41	84,32		Saúde	83,46
76,43	71,29	77,85	Educação	82,47
87,33	88,89	83,95	Vestuário e decoração	
55,90	48,30	72,84	84,29	
Outros	29,47	52,03	106,77	60,48
	Total	54,81	56,83	76,88
74,14			Relação entre os rendimentos médios das mulheres em relação aos homens em ocupações 'masculinas' e 'femininas'	

Fonte: IBGE/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

* Estética, hotelaria e alimentação.

Região

Tabela 7 – Rendimento médio nas ocupações “masculinas” e “femininas” e relação entre os rendimentos médios das mulheres em relação aos homens – Nordeste e Sudeste – 2001

Rendimento médio (R\$)

	Ocupações masculinas		Ocupações femininas		Ocupações Masculinas	Ocupações Femininas
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
Nordeste	711,44	635,67	522,75	401,88	89,35	76,88
Sudeste	1007,32	815,65	953,81	707,15	80,97	74,14

Fonte: IBGE/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Nota: Rendimento médio mensal do trabalho principal.

3. Conclusão

A estrutura ocupacional das regiões Nordeste e Sudeste apresenta o mesmo perfil de concentração de mulheres em atividades “femininas”, onde mais de 70% das mulheres se concentram em atividades pouco qualificadas e de baixa remuneração. No que se refere ao diferencial de rendimento, a disparidade é marcante entre as duas regiões e é nas ocupações ligadas à educação que as mulheres do Nordeste vêm seus rendimentos se aproximarem aos das mulheres do Sudeste. No Nordeste, a desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres é menor também na área de educação, mas é na atividade de escritório no Sudeste onde quase não há desigualdade de rendimento entre homens e mulheres.

O maior desenvolvimento dos estados do Sudeste, em termos da complexidade das funções urbanas ou do maior dinamismo econômico, porém, não resultou numa maior equidade de gênero em termos de rendimento do trabalho. Nos grupos ocupacionais femininos os diferenciais de rendimento entre os homens e mulheres permaneceram basicamente os mesmos, independentemente da região.

Nas ocupações femininas, as desigualdades de rendimento entre os sexos são maiores do que nas masculinas e, ao contrário do que se pode-

ria supor, no Sudeste a desigualdade ocupacional quanto ao rendimento é maior do que no Nordeste.

Os resultados obtidos permitem afirmar que a desigualdade de gênero e a segregação ocupacional permanecem fortes e marcadas pelo componente regional, embora as mulheres tenham, sobretudo, maior escolaridade do que os homens, a despeito da urbanização e do desenvolvimento econômico, e apesar da luta feminista por igualdade de direitos na família e no mercado de trabalho, travada nas últimas décadas.

Gender, occupational structure and inequality of earnings

Abstract – The growing female participation in the labour market confirms an important characteristic in the Brazilian families: the women as suppliers of income. However, it did not result a composition by Sex more diversified between occupations and an equality of earnings. This article aims to analyze the inequality of earnings between men and women by occupations. We intend to show that the inequality is resultant of discriminatory characteristics in the labour market and the women are concentrated in occupations less qualified and badly paid.

Key words – Labour market. Gender. Earnings. Occupation.

Notas

- ¹ BRUSCHINI, C. (2000a) ressalta que o aumento da atividade das mulheres desde a década de 1970 resulta não apenas da necessidade econômica e das oportunidades oferecidas pelo mercado, mas decorre também das transformações demográficas, culturais e sociais que vêm ocorrendo no Brasil e que têm afetado as mulheres e as famílias brasileiras. Ver também OLIVEIRA, S. et al. (2002) sobre o aumento progressivo do número de famílias e domicílios sob responsabilidade feminina.
- ² Veja KON (1999), SOARES (2001) e MELO (1998) sobre o processo de feminização no mercado de trabalho.
- ³ Com o fim de evitar erros de consistência, foram selecionadas ocupações que apresentassem frequência considerada satisfatória para a posterior expansão da amostra. Para efeito do presente trabalho, serão chamadas de ocupações “femininas” aquelas em que a proporção de mulheres estiver situada num patamar acima de 50%.
- ⁴ A PNAD/2001 mostra, além disso, que é bastante elevada a proporção de mulheres muito jovens (entre 15 e 17 anos) com pelo menos um filho (no Brasil são 7,3%), informação que torna evidentes situações de gravidez na adolescência. Esta proporção apresenta

números ainda mais elevados em alguns estados do Nordeste, como Maranhão (12,8%), Ceará (11,6%) e Paraíba (10,5%).

- ⁵ Em 2001, a taxa de desemprego para a população sem instrução ou com até 3 anos de estudo ficou em torno de 4,9%, enquanto na população com mais de 8 anos de estudo a taxa foi de 6,4% (IBGE, 2002).
- ⁶ Para o Brasil o percentual de mulheres ocupadas é de cerca de 40,3%.
- ⁷ Neste último grupo foram incluídas ocupações “femininas” que não se enquadravam em nenhuma das outras listadas anteriormente.
- ⁸ O serviço doméstico remunerado representa cerca de 20% da PEA no Brasil (IBGE, 2001), proporção que se vem mantendo praticamente inalterada ao longo da última década. São diversos os estudos sobre este ‘bolsão’ de ocupação para a mão-de-obra feminina no Brasil e na América Latina e Caribe. Veja, por exemplo, MELO (1998).
- ⁹ O trabalho de escritório é visto como uma atividade de suporte pessoal e funcional de apoio a nível organizacional. Ver SOARES (2001).
- ¹⁰ Considerou-se a população ocupada de 10 anos ou mais com rendimento.
- ¹¹ A tipologia “ocupações masculinas” obedeceu o mesmo critério estabelecido para as ocupações femininas, isto é, uma proporção de homens acima de 50% em cada grupo ocupacional e de acordo com a consistência amostral. Neste estudo não se considerou necessário detalhar os grupos ocupacionais masculinos, já que o objetivo do trabalho era analisar as ocupações femininas.

Referências bibliográficas

BARROS, R. P. et al. *A desigualdade da pobreza, estratégias ocupacionais e diferenciais por gênero*. Rio de Janeiro: IPEA, 1997. Texto para Discussão n. 453.

BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil: 1985/95). In: Rocha, M.I.B. (org.) *Trabalho e gênero – mudanças, permanências e desafios*. Abep, Nepo, Cedeplar. São Paulo: Editora 34, 2000a.

_____. Desigualdades de gênero no mercado de trabalho brasileiro: o trabalho da mulher nos anos 80. In: Fernandes, R. (org.) *O trabalho no Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: LTR, 2000b.

IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais 2001*. Rio de Janeiro: 2002.

_____. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001*. Rio de Janeiro: 2001.

KON, A. *Segmentação ocupacional brasileira segundo gênero*. Anais do Encontro Nacional de Estudos do Trabalho. São Paulo: ABET, 1999.

MELO, H.P. Globalização, políticas neoliberais e relações de gênero no Brasil. In: BORBA, A.; FARIA, N.; GODINHO, T. (orgs.) *Mulher e política - Gênero e Feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

_____. O desemprego no feminino. Revista *Archetypon*, v. 8, n. 22, jan.-abr., 2000.

OLIVEIRA, S. et al. *Gênero e participação social – dimensões preliminares da responsabilidade feminina por domicílios*. Ouro Preto: ABEP, 2002.

SOARES, C. *Os impactos das novas tecnologias no emprego, gênero e qualificação nas atividades de escritório*. Niterói: UFF, 2001. Dissertação de mestrado em economia, mimeografado.

Recebido para publicação em janeiro de 2004
Aprovado para publicação em junho de 2004

Anexo 1 – Ocupações femininas e rendimento – 2001 – Nordeste

Ocupação	Total de ocupados	% da categoria ocupacional da ocupação em relação ao total	% de mulheres nas ocupações 'femininas'	Distribuição por sexo		Renda média mensal por sexo	
				Homem	Mulher	Homem	Mulher
Atividades Extrativistas	187.188	3,62	3,65	19,25	80,75	166,20	61,88
baldador na extração vegetal	109.293	2,11	1,99	24,71	75,29	136,98	67,80
baldador de chapéu de palha	30.513	0,59	0,74	0,00	100,00	0,00	18,85
Cesteiro/trabalhador de palha	7.573	0,15	0,16	11,01	88,99	140,41	21,61
Ralador/raspador mand./farinh.	25.375	0,49	0,50	18,46	81,54	116,18	45,17
Oper. extr. óleos gord. vegetais	-	-	-	-	-	-	-
castanha de caju	14.434	0,28	0,26	24,37	75,63	271,25	155,98
Atividades de escritório	755.150	14,60	11,94	34,58	65,42	727,79	642,39
Chefe/assessor serv. públ. (1)	120.356	2,33	1,51	48,03	51,97	935,04	663,72
Assistente/oficial adm.serv. públ.	83.488	1,61	1,24	38,58	61,42	818,21	592,04
Estenodactilógrafo	69.944	1,35	1,53	9,69	90,31	418,68	464,88
Ajudante fiscal e contábil	36.641	0,71	0,48	46,21	53,79	520,23	532,95
Recepc. consult. médico,	-	-	-	-	-	-	-
dent./veterinário/pass.aéreas	154.957	3,00	3,13	16,33	83,67	440,28	294,99
Auxiliar de adm./calculista	255.195	4,94	3,34	45,82	54,18	413,90	392,86
Aux./téc. cartório ou de justiça	7.345	0,14	0,11	39,84	60,16	1937,67	1928,12
Iefonista	27.224	0,53	0,60	8,19	91,81	338,28	269,59
Prest. serv. (est., hotel, aliment.)	903.488	17,47	16,27	25,52	74,48	246,73	202,58
Confeiteiro/docero/auxiliar	35.650	0,69	0,62	27,85	72,15	248,24	174,13
Armadadeira de hotel	9.446	0,18	0,22	5,26	94,74	80,00	209,89
Aux. copa e coz. de restaurante	188.124	3,64	3,67	19,19	80,81	247,60	170,08
Balconista de bar e lanchonete	80.283	1,55	1,30	32,95	67,05	164,28	188,24
Cabeleireira	83.354	1,61	1,30	35,40	64,60	278,77	291,03

(1) Inclui diretor de escola pública até reitor

(2) Exclusive no serviço doméstico e no ensino.

Anexo 1 (continuação)

Ocupação	Total de ocupados	% da categoria ocupacional da ocupação em relação ao total	% de mulheres nas ocupações 'femininas'	Distribuição por sexo		Renda média mensal por sexo	
				Homem	Mulher	Homem	Mulher
Esteticista/maquiador	4.719	0,09	0,11	4,49	95,51	500,00	394,66
Manicure/peficure	58.652	1,13	1,42	0,00	100,00	0,00	144,16
Lavad./passad. - no serv. vestuário	97.746	1,89	2,20	6,93	93,07	265,43	94,61
Servente/fax./zel.- excl. serv. dom.	331.858	6,42	5,11	36,34	63,66	202,27	177,92
Acompanh./crech./recread. (2)	13.656	0,26	0,32	3,64	96,36	234,00	181,35
Comércio	558.376	10,80	7,84	41,95	58,05	252,74	180,21
Caixa/fiscal de caixa (comércio)	68.243	1,32	1,25	24,41	75,59	368,65	254,12
Vendedor de bilhetes	2.271	0,04	0,03	39,81	60,19	136,02	126,74
Vendedor ambulante	487.862	9,43	6,56	44,42	55,58	253,55	159,78
Emprego Doméstico	1.263.235	24,43	29,14	4,59	95,41	177,59	123,25
Arrumadeira/camareira	2.796	0,05	0,07	0,00	100,00	0,00	128,91
Acompanhante/ baby sitter	42.985	0,83	1,00	3,40	96,60	104,87	96,65
Cozinheira/copeira	21.038	0,41	0,49	4,62	95,38	352,24	178,06
Diarista/faxineira	60.789	1,18	1,39	5,60	94,40	101,67	124,66
Lavadeira/passadeira	64.241	1,24	1,55	0,00	100,00	0,00	84,89
Casero/doméstica	1.071.386	20,72	24,64	4,87	95,13	151,57	126,36
Saúde	313.562	6,06	5,85	22,81	77,19	1221,08	870,51
Médico	43.352	0,84	0,63	39,85	60,15	3312,67	2110,17
Enferm./instrum. (diplomado)	15.975	0,31	0,36	5,67	94,33	1244,40	1025,90
Fonoaud./nutric./acupunturista	4.695	0,09	0,09	20,72	79,28	1162,64	968,52
Enferm./instrum. (não diplomado)	160.642	3,11	3,38	13,04	86,96	467,14	355,43
Fisioterapeuta/massagista	10.751	0,21	0,20	23,42	76,58	1181,92	947,28
Técnico de laboratório	10.088	0,20	0,16	36,21	63,79	701,91	488,36

(1) Inclui diretor de escola pública até reitor

(2) Exclusivo no serviço doméstico e no ensino.

Anexo 1 (continuação)

Ocupação	Total de ocupados	% da categoria ocupacional da ocupação em relação ao total	% de mulheres nas ocupações 'femininas'	Distribuição por sexo		Renda média mensal por sexo	
				Homem	Mulher	Homem	Mulher
Agente de saúde pública	68.059	1,32	1,03	37,13	62,87	476,90	197,94
Educação	721.124	13,95	14,95	14,23	85,77	714,44	635,06
Professor universitário	21.377	0,41	0,28	46,55	53,45	2517,29	2021,07
Professor de segundo grau	65.111	1,26	1,13	27,90	72,10	780,43	569,12
Professor de primeiro grau	179.651	3,47	3,44	20,69	79,31	381,80	370,47
Prof. adjunto no ensino primário	342.983	6,63	7,59	8,48	91,52	304,17	293,05
Prof. 1º grau s/ especific. de série	16.090	0,31	0,32	16,84	83,16	412,53	364,52
Professor de pré-escolar	59.713	1,15	1,41	2,36	97,64	163,72	236,14
Supervisor/orientador educacional	36.199	0,70	0,78	11,40	88,60	441,15	591,06
Vestuarão e decoração	462.847	8,95	10,23	8,60	91,40	247,69	180,41
Artesão	39.196	0,76	0,59	37,54	62,46	219,74	121,90
Decorador	4.706	0,09	0,08	34,06	65,94	244,56	631,51
Rendeira	16.538	0,32	0,40	0,00	100,00	0,00	20,56
Tecelão de redes	22.883	0,44	0,35	35,93	64,07	129,97	59,95
Trabalh. na indústria de vestuário	253.403	4,90	5,85	4,48	95,52	330,48	191,57
Auxiliar de costureira	25.888	0,50	0,55	12,44	87,56	166,85	187,00
Bordadeira/cerzadeira/remendeira	100.233	1,94	2,41	0,71	99,29	394,55	50,39
Outros	6.049	0,12	0,14	6,98	93,02	724,55	773,62
Agente social/assistente social	1.216	0,02	0,02	17,35	82,65	1029,10	1092,16
Bibliotecário	4.833	0,09	0,11	4,37	95,63	420,00	455,08
Total	5.171.019	100,00	100,00	20,00	80,00	522,75	401,88

(1) Inclui diretor de escola pública até reitor

(2) Exclui-se no serviço doméstico e no ensino.

Anexo 2 – Ocupações femininas e rendimento – 2001 – Sudeste

Ocupação	Total de ocupados	% da categoria ocupacional da ocupação em relação ao total	% de mulheres nas ocupações 'femininas'	Distribuição por sexo		Renda média mensal por sexo	
				Homem	Mulher	Homem	Mulher
Atividades de escritório	2.147.294	20,72	17,87	31,25	68,75	917,14	890,33
Assist./oficial adm. serv.públ.	123.815	1,19	0,88	41,3	58,7	1059,10	1081,93
Ajudante fiscal e contábil	125.754	1,21	0,84	44,9	55,1	736,07	586,32
Auxiliar de administração/ calculista	939.928	9,07	6,21	45,4	54,6	723,59	589,87
crevente de cartório ou de polícia	39.374	0,38	0,28	42,1	57,9	1576,51	1505,48
Auxiliar/téc. cartório ou de justiça	27.826	0,27	0,19	44,3	55,7	1490,06	1830,75
Tesoureiro/ Caixa	100.802	0,97	0,72	40,9	59,1	1240,78	885,10
Secretária	301.476	2,91	3,55	2,7	97,3	418,96	671,26
Recepc. cons. méd./ dent./vet./ passagens aéreas	420.379	4,06	4,52	11,2	88,8	517,86	403,95
Telefonista	67.940	0,66	0,69	16,4	83,6	491,36	458,26
Prest. serv. (estét./hotel./ restaurante)	2.012.068	19,42	18,09	25,75	74,25	451,58	345,22
Confeiteiro/docero/auxiliar	63.193	0,61	0,51	33,5	66,5	378,99	316,88
Arrumadeira de hotel	24.726	0,24	0,26	14,6	85,4	377,14	363,01
Auxiliar copa e cozinha de restaur.	422.780	4,08	3,74	26,9	73,1	440,68	288,60
Balconista de bar e lanchonete	220.996	2,13	1,65	38,2	61,8	315,68	282,32
Cabeleireira	189.777	1,83	1,75	24,0	76,0	842,02	496,07
Esteticista/maquiador	20.823	0,20	0,25	0,0	100,0	659,43	659,43
Manicure/pedicure	152.528	1,47	1,85	0,0	100,0	282,71	282,71
Lav./pass. - no serviço do vestuário	80.607	0,78	0,83	15,4	84,6	315,64	188,58
Servente/faxineiro/zelador	738.270	7,12	6,17	31,0	69,0	366,93	271,93
Acompanh./crecheira/recreadora (1)	98.368	0,95	1,09	8,9	91,1	575,57	302,67
Comércio	834.601	8,05	6,22	38,43	61,57	736,32	443,43

Anexo 2 (continuação)

Ocupação	Total de ocupados	% da categoria ocupacional da ocupação em relação ao total	% de mulheres nas ocupações 'femininas'	Distribuição por sexo		Renda média mensal por sexo	
				Homem	Mulher	Homem	Mulher
Caixa ou fiscal de caixa (no comércio)	239.737	2,31	2,24	22,8	77,2	504,89	339,42
Vendedor ambulante	445.468	4,30	2,99	44,6	55,4	488,58	287,82
Propagandista	7.474	0,07	0,05	39,6	60,4	1.094,44	617,75
Corretor/agente de turismo	135.925	1,31	0,90	45,6	54,4	1.063,50	561,49
Vendedor de bilhetes ssvr. diversões	5.997	0,06	0,04	41,6	58,4	530,18	410,67
Emprego Doméstico	2.686.306	25,93	31,23	3,99	96,01	334,31	281,89
Arrumadeira/camareira	21.519	0,21	0,26	0,0	100,0	237,80	237,80
Acompanhante/ baby sitter	206.571	1,99	2,50	0,0	100,0	162,86	162,86
Cozinheira/cofeira	41.110	0,40	0,48	3,5	96,5	456,01	344,27
Diarista/faxineira	356.065	3,44	4,23	2,0	98,0	280,26	226,49
Lavadeira/passadeira	77.356	0,75	0,94	0,0	100,0	126,24	126,24
Governanta/mordomo	6.024	0,06	0,07	0,0	100,0	650,28	650,28
Caseiro/doméstica	1.977.661	19,09	22,75	5,0	95,0	266,65	225,32
Saúde	717.017	6,92	6,27	27,80	72,20	1.463,02	1.138,93
Farmacêutico	14.388	0,14	0,12	29,8	70,2	1.954,04	1.356,08
Médico	142.029	1,37	0,96	44,3	55,7	3.642,28	2.208,14
Dentista	92.679	0,89	0,62	44,9	55,1	2.495,32	1.891,30
Enferm./instrum. (diplomado)	37.851	0,37	0,44	3,7	96,3	346,12	1126,76
Fonoaud./nutric./acupunturista	18.773	0,18	0,23	0,0	100,0	1.379,81	1.379,81
Enferm./instrum. (não diplomado)	292.288	2,82	2,94	16,9	83,1	589,94	603,59
Fisioterapeuta/massagista	50.820	0,49	0,45	27,5	72,5	782,52	912,07
Técnico de Ráio X	13.176	0,13	0,09	41,7	58,3	1.131,64	841,01
Técnico de laboratório	16.198	0,16	0,11	43,2	56,8	1.478,32	777,43

Anexo 2 (continuação)

Ocupação	Total de ocupados	% da categoria ocupacional da ocupação em relação ao total	% de mulheres nas ocupações 'femininas'	Distribuição por sexo		Renda média mensal por sexo	
				Homem	Mulher	Homem	Mulher
Agente de saúde pública	38.815	0,37	0,31	34,3	65,7	747,00	293,14
Educação	1.017.309	9,82	10,45	15,14	84,86	866,29	727,22
Professor de segundo grau	171.415	1,65	1,50	27,8	72,2	1105,53	933,34
Prof. primeiro grau - 5 a 8 série	201.766	1,95	2,12	13,3	86,7	909,44	774,95
Prof. 1º grau - Alfabet. até a 4 série	307.336	2,97	3,55	4,5	95,5	736,42	596,20
Prof. 1º grau sem especif. de série	43.857	0,42	0,41	23,0	77,0	1347,82	688,51
Professor de pré-escolar	93.241	0,90	1,11	1,8	98,2	374,81	527,53
Professor de ensino não especificado;							
prof. de deficientes	90.271	0,87	0,74	32,4	67,6	917,32	721,64
Supervisor/orientador educacional	58.512	0,56	0,58	17,6	82,4	1117,63	1119,82
Inspetor de disciplina	50.911	0,49	0,44	28,1	71,9	421,35	455,80
Vestário e decoração	836.145	8,07	8,83	12,81	87,19	443,12	373,51
Artista plástico/pintor/restaurador	19.761	0,19	0,14	39,9	60,1	583,91	538,64
Artesão	61.753	0,60	0,55	26,1	73,9	531,13	266,33
Decorador	16.432	0,16	0,10	48,1	51,9	1026,81	1015,40
Operador de máq. de ind. têxtil	5.372	0,05	0,04	42,1	57,9	256,00	274,42
Tecelão de tapetes	11.692	0,11	0,08	43,7	56,3	319,03	130,94
balhador de fábrica de tecidos	18.920	0,18	0,13	43,9	56,1	424,20	261,28
balhador na indústria de vestuário	554.034	5,35	6,15	8,2	91,8	472,59	312,56
Auxiliar de costureira	48.714	0,47	0,50	15,3	84,7	236,49	253,27
Bordadeira/cerzadeira/remendeira	84.838	0,82	1,00	2,4	97,6	259,85	179,63
Decorador/pintor de cerâmica	5.720	0,06	0,04	40,8	59,2	250,75	475,04
Manequim/modelo de modas	8.909	0,09	0,08	23,3	76,7	513,55	401,13

Anexo 2 (continuação)

Ocupação	Total de ocupados	% da categoria ocupacional da ocupação em relação ao total	% de mulheres nas ocupações 'femininas'	Distribuição por sexo		Renda média mensal por sexo	
				Homem	Mulher	Homem	Mulher
Outros	110.963	1,07	1,04	22,27	77,73	2458,60	1486,85
Arquiteto	28.704	0,28	0,24	31,7	68,3	2252,76	1462,35
Biólogo	8.501	0,08	0,08	24,0	76,0	3750,83	1811,88
Técnico de estatística	21.848	0,21	0,16	39,5	60,5	1767,69	1509,17
Psicólogo	6.240	0,06	0,08	0,0	100,0		1251,81
Agente social/assistente social	30.645	0,30	0,33	11,5	88,5	1323,41	1271,56
Bibliotecário	8.112	0,08	0,09	9,6	90,4	656,91	1698,47
Comissário de bordo - transporte aéreo	6.913	0,07	0,08	8,7	91,3	5000,00	1402,69
Total	10.361.703	100,00	100,00	20,29	79,71	953,81	707,15

